

SCHWINGEL, C. Ferramentas de publicação de conteúdos na internet no contexto do ciberjornalismo. In: CD ROM do **XI Encontro de Professores de Jornalismo**. São Paulo, 2008.

“FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ) 11º
ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO MODALIDADE
DO TRABALHO: Comunicação Científica
GRUPO DE TRABALHO: PRODUÇÃO LABORATORIAL - ELETRÔNICOS”

Ferramentas de publicação de conteúdos na internet no contexto do ciberjornalismo

Carla Schwingel¹

Resumo: Este artigo visa apresentar a historicidade do ciberjornalismo a partir do trabalho do Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line da Facom/UFBA para, então, propor uma categorização para as ferramentas de publicação de conteúdos na internet. Por fim, apresenta os tipos de jornalismo que buscam a integração do leitor no processo produtivo ciberjornalístico, ou seja, que advieram da utilização dessas ferramentas na criação de produtos jornalísticos.

Palavras-chave: Ciberjornalismo. Historicidade. Ferramentas automatizadas de publicação de conteúdos jornalísticos.

¹ Carla Schwingel é jornalista (Fabico/Ufrgs), pesquisadora (GJOL), professora de jornalismo e arquiteta da informação. Realiza doutorado em Jornalismo Digital no Grupo de Pesquisa em Jornalismo On-line, no PósCom da UFBA, onde também fez o mestrado em Cibercultura. E-mail: caruschwingel@uol.com.br

Apresentação²

Principalmente nas duas últimas décadas, a internet e, conseqüentemente, o ciberespaço passaram a propiciar o surgimento de novas formas e formatos para o Jornalismo. Devido às empresas jornalísticas terem sido um dos primeiros setores industriais a se sensibilizarem para este novo meio, os jornais impressos começaram a estar integralmente na Internet a partir de 1992, nos Estados Unidos, e de 1995, no Brasil (PALACIOS e MACHADO, 1996; PAVLIK, 2001; NOCI, 2005; BARBOSA, 2002)³. As primeiras informações sobre o radiojornalismo na Internet são de 1997, quando nos Estados Unidos em torno de 4.200 estações usavam a rede para transmitir arquivos de áudio; na Espanha havia a *Radio Cable*; e no Brasil, as emissoras *Imprensa* e *Cultura* (ALVES, 2004)⁴. Já as transmissões pioneiras de televisão via Internet tiveram como foco o entretenimento e ocorreram em 1995 nos Estados Unidos (BROADCAST...). No Brasil, em 1997, foi lançada a *TV UOL*. Três anos depois houve a criação da *TV Terra*, quando o telejornalismo via web se consolida, principalmente com o *UOL News* (NOGUEIRA, 2005)⁵, em função da contratação de equipe especializada em televisão para a produção Internet.

De acordo com a classificação elaborada pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online (GJOL) da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal da Bahia, historicamente pode-se situar o jornalismo na internet como: 1º) a transposição dos veículos impressos, 2º) a metáfora do impresso (quando os produtos começaram a apresentar serviços e informações específicos para a

² Esta parte introdutória do artigo também visa apresentar o momento atual da pesquisa do Grupo de Jornalismo Online (GJOL) da Facom/UFBA e a inserção das reflexões aqui desenvolvidas na sua produção teórica.

³ A pesquisadora Suzana Barbosa, no GJOL, é quem problematiza a historicidade do jornalismo impresso. Para isso utiliza, em sua dissertação, autores como Armañanzas y Noci (1996), Squirra (1997) e Dizard Jr (2000).

⁴ Raquel Porto Alegre Alves, em sua dissertação sobre o radiojornalismo no ciberespaço, de 2004, dialoga com Moreira (1996), Priestman (2002) e Herreros (2001), além de efetuar uma pesquisa em fontes informativas online.

⁵ Defendida em 2005, a dissertação de Leila Nogueira, por sua vez, propõe um webjornalismo audiovisual. Apresenta fontes informativas sobre a televisão e o telejornalismo no ciberespaço. De acordo com os dados fornecidos pela pesquisadora, os produtos jornalísticos *TV UOL* e *TV Terra* são vinculados a empresas de comunicação, ao Grupo Folha e à Rede Brasil Sul de Comunicação, respectivamente.

internet, porém não se distanciavam da estrutura e da representação do jornal ou da revista impressos), 3º) jornalismo de terceira geração (quando os produtos e serviços são propostos de forma específica para a *web*). Esses períodos são denominados por fases ou classificados por gerações dos produtos elaborados. Para Mielniczuk (2003), são primeira, segunda e terceira gerações do webjornalismo. Barbosa (2001; 2002) considera que a terceira é a fase do jornalismo de portal que, por sua vez, possui a subdivisão jornalismo de portal regional. Já Silva Júnior (2000), ao considerar os produtos digitais em função de criação, adaptação e gestão do conteúdo em multiplataformas, denomina tais períodos como 1ª) transpositivo, 2ª) perceptivo e 3ª) hipermidiático.

A pesquisa efetuada por Pavlik (2001) também apresenta uma sistematização para o jornalismo digital em três gerações. A terceira constituir-se-ia por produtos exclusivos da Internet e, no começo dos anos 2000, estaria para ser estabelecida. Cabrera (2004), ao analisar as novas tecnologias aplicadas ao jornalismo, sugere quatro modelos para os produtos no ciberespaço: fac-similar, adaptado, digital e multimídia.

Nesse sentido, a proposição do GJOL busca contribuir para a compreensão da natureza dos produtos jornalísticos que se encontram no ciberespaço. Porém, atualmente, ao se analisar o jornalismo digital em termos de seu processo produtivo, não parece ser adequada a aplicação desta sistemática, haja vista que, após ser transposta do impresso, a produção teve pequenas alterações, principalmente em função da tecnologia utilizada e da virtualização das redações; entretanto, não há dados conclusivos em pesquisas que indicam mudanças significativas em seus processos de apuração, de edição e de distribuição tanto na fase transpositiva quanto na metafórica. A utilização do ciberespaço como fonte de pesquisa para apuração, por exemplo, foi talvez igual ou mais empregada por veículos jornalísticos de outros meios do que do digital. Compreende-se, assim, que somente ao desenvolver produtos de terceira geração, concebidos e implementados para o ciberespaço, o Ciberjornalismo parece consolidar um modelo produtivo diferenciado. Tal proposição tornaria

inadequada a tentativa de uma continuidade em termos classificatórios, conforme anteriormente argumentado (SCHWINGEL, 2005a), já que seria nesta terceira fase histórica que os princípios diferenciadores da prática do ciberjornalismo constituiriam processos próprios para a produção de informação no ciberespaço. O estudo desse processo produtivo, identificando suas características e potencialidades e especificando o diferencial de sua produção e de sua linguagem, é o objetivo das reflexões desta pesquisa⁶.

As tecnologias de publicação de conteúdo internet

Assim, tendo-se em vista a historicidade do ciberjornalismo, pretende-se - como contribuição desta pesquisa ao GJOL – proceder a sistematização da evolução das tecnologias que propiciam a publicação de conteúdos no ciberespaço. Parte-se da premissa que em função das características do hipertexto e da infraestrutura internet, o www corresponde a um banco de dados expandido e como tal será analisado.

Desde a adoção do protocolo TCP/IP, que passou a caracterizar a rede mundial de interconexão de dados como internet, o avanço tecnológico e as constantes inovações parecem transbordar no ciberespaço. No entanto, há referência a “tecnologias internet” não são consideradas aquelas denominadas como “novas novidades”, isto é, idéias ou ferramentas que até podem ser promessas viáveis comerciais (LEWIS, 2000) - como programas, design, estruturas de transmissão ou aplicativos para a programação -, porém ainda não se consolidaram pelo uso e reconhecimento por parte dos usuários. Refere-se sim àquelas generalistas e reconhecidas, como o e-mail (em seus diferentes programas clientes-usuários); os bate-papos (*Internet Relay Chat e Chats webs*); os *Newsgroups*; os blogs; as linguagens de programação HTML (*Hypertext Markup Language*), Java, C, C++; os ambientes tecnológicos PHP (*Hypertext*

⁶ Nesse sentido, a proposta se assemelha ao ocorrido por ocasião do surgimento dos meios de comunicação anteriores, como o rádio e a televisão, por exemplo. Uma sugestão para se sistematizar este processo histórico seria a de considerar o período anterior da consolidação de uma prática produtiva diferenciada como a “proto-história” do ciberjornalismo.

Preprocessor), ASP (*Active Server Page*), PERL (*Practical Extraction Report Language*), e XML (*eXtensible Markup Language*). Ao se buscar uma sistematização, propõe-se que as tecnologias internet sejam classificadas em termos (1) de publicação e (2) de conversação⁷.

Busca-se tanto precisar a definição quanto historicizar as tecnologias de publicação. Para isso, propõe-se como primeira noção que tecnologias de publicação são ferramentas ou sistemas que facilitam a inclusão de informações em produtos ou serviços internet com vistas a deixar o conteúdo na página ou no mecanismo para ser acessado a *posteriori*. Já para compreender sua evolução histórica, pretende-se caracterizá-las em três fases distintas.

Na primeira geração se encontram aquelas propostas antes da difusão do WWW até as primeiras tecnologias da web, ou seja, desde o *newsgroups* até os publicadores compostos por scripts simplificados⁸. Os *newsgroups* são grupos de discussão que se localizam em servidores específicos e, juntamente com o e-mail, representam um dos primeiros serviços oferecidos, divulgados e aceitos na internet. Pode-se inferir também que foi através do *news* que as primeiras agregações virtuais se efetivaram (REINGHOLD, 1996). Para acessá-los, o internauta configura em seu navegador um servidor de *news*, entra no mesmo e escolhe os grupos de discussão dos quais deseja participar. Ao entrar no grupo, ele pode consultar todas as mensagens anteriormente postadas e entrar na discussão através de suas próprias postagens. Este era um dos serviços que já funcionavam na época das BBSs⁹ (*Bulletin Board System*), ou seja, antes da internet ser comercial.

Ainda nesta primeira fase, ocorre a popularização efetiva da internet com a criação e utilização das páginas gráficas (o ambiente *World Wide Web*, proposto em 1989, implementado em 1991 e divulgado em 1992). A linguagem de programação utilizada para elaborar as páginas era o HTML estático. Para se incluir um conteúdo na *web*, tinha-se que ir ao código da página e, através de comandos de programação, acrescentar informações. Com os provedores comerciais de acesso (nos Estados Unidos a partir de 1991 e no Brasil de 1995),

⁷ As tecnologias de conversação não serão exploradas neste artigo. Elas não se constituem em objeto da pesquisa, por isso mesmo na tese, serão identificadas, mas não problematizadas.

⁸ Não serão tratadas aqui as tecnologias pioneiras de postagem de conteúdos no Ciberjornalismo, como o videotexto e as experiências via fax, pois, conforme Barbosa (2002) trabalhou, compreende-se que sejam atividades pioneiras e não ainda com protocolo e tecnologia internet, o foco de interesse desta pesquisa.

⁹ As BBSs (*Bulletin Board System*) não podem ser consideradas como uma ferramenta ou um sistema de publicação, pois representam o primeiro ambiente pré-internet. Eram estruturadas por sistemas e ferramentas distintas e passíveis de desvinculação que compunham o próprio ambiente.

houve a incorporação de sistemas de publicação muito simples, quase um passo a passo para páginas pessoais, elaborados pelos provedores de acesso; bem como de aplicativos prontos e disponíveis na rede, como animações genéricas, via scripts, que permitiam a automatização de alguns processos na produção de produtos internet (como, por exemplo, menus em Java).

De forma concomitante, as comunidades mundiais de desenvolvedores de softwares propuseram, começaram a utilizar e a divulgar tecnologias embutidas no HTML (interpretadas pelo servidor) como ambientes vinculados a bancos de dados (como o PERL associado a CGIs - *Common Gateway Interface* -; o PHP; o ASP). A linguagem de programação PERL foi criada antes do WWW, em 1987, seu uso no desenvolvimento internet ocorre associada aos códigos de CGI (*Common Gateway Interface*) que também podem ser escritos nas linguagens C, C++, Java, Pascal, Fortran ou Delphi. O PHP foi elaborado por um grupo de programadores não vinculado a nenhuma empresa, e é uma tecnologia script processada no servidor que permite a execução de alguns comandos acionados para tornarem dinâmicas as páginas HTML, (sendo que podem ter várias ações não percebidas pelo usuário, desde sua identificação até o mapeamento das páginas acessadas, por exemplo). O ASP, por sua vez, é uma tecnologia Microsoft que roda scripts baseados em sintaxe da linguagem de programação Visual Basic e possui as mesmas funcionalidades do PHP. Por fim, um outro ambiente tecnológico que também é vinculado ao HTML é o ColdFusion, da Allaire. Com estas tecnologias, há a criação de sistemas de publicação simplificados como o sistema blog e publicadores de páginas um pouco mais elaborados nos provedores de acesso. Elas caracterizam a segunda fase da publicação¹⁰.

Em uma terceira fase, há a consolidação dos sistemas criados a partir desses ambientes de programação associados a bancos de dados que automatizam a postagem das informações em tempo real por usuários de qualquer computador conectado à internet, através de uma página do próprio navegador (*browser*) com o uso de uma senha ou cadastramento prévio que possibilita o acesso e a alteração

¹⁰ Neste ponto da pesquisa serão mapeados os Sistemas de Gerenciamento de Conteúdos mais conhecidos na *web*, como o *FullXML*, o *PHP Nuke*, o *XML Nuke*, o *Ez-Publish*, o *Mamboo* (que foi adotado pelo Ministério da Educação do Brasil), o *MIR* (do Indymedia), dentre outros.

dos conteúdos. Ou seja, caracteriza-se pela utilização com mais propriedade dessas tecnologias. É quando praticamente todas as tecnologias estão embutidas na *World Wide Web* (HERRING, 2004), em sistemas e subsistemas. Temos aqui a publicação aberta e o desenvolvimento colaborativo que caracterizam o Jornalismo de Fonte Aberta e o Jornalismo Participativo e parecem representar, para o jornalista, a perda do controle do processo de produção de informações no ciberespaço (MACHADO, 2003). Nesta fase também há sistemas de busca mais depurados tanto externa quanto internamente (ao associarem os bancos de dados das próprias publicações) e sistemas automatizados de vinculação de informações, como os algoritmos do Googlenews¹¹ e o RSS¹² (*Really Simple Syndication*), que somente foi possível devido às características da tecnologia XML. Esta possibilita a criação de comandos personalizados com maior flexibilidade na organização e apresentação das informações. No início de 1997, a especificação XML foi publicada em um formato preliminar por um grupo de trabalho do W3C (*World Wide Web Consortium*)¹³ e contou com o apoio de várias das principais empresas do setor de informática. Seu grupo de desenvolvedores é formado por programadores independentes do mundo todo que visam à padronização das linguagens de programação internet. Os sistemas de publicação de conteúdo em software livre que utilizam o XML também se encontram nesta fase em função de ser uma tecnologia proposta como forma de integração das linguagens de programação web, bem como em função da possibilidade de alteração de leiaute, que com simples comandos que alteram a folha de estilo, o CSS (*Cascade Style Sheets*)¹⁴, modificam a disposição do conteúdo na página, permitindo que um

¹¹ www.googlenews.com.

¹² O RSS é uma linguagem padrão que permite que um sítio deixe disponível seu conteúdo para ser vinculado em outros sítios, ou lido com software especializado como o Feedreader (www.feedreader.com). Há várias versões de RSS (0.91, 1.0 ou 2.0), porém uma não é superior a outra, mas sim possuem modelos ligeiramente diferentes, em função de ser desenvolvido por uma comunidade mundial de programadores. Em 2005, a Folha Online e o Globo Media Center passaram a utilizar a tecnologia XML em suas matérias, em função das vinculações feitas pelo RSS.

¹³ Ver: www.xml.com

¹⁴ São folhas de estilo em cascata, uma tecnologia que agrega funções de estilo e formatação ao HTML.

mesmo produto apresente várias versões¹⁵. A livre utilização de sistemas e subsistemas associados intensifica a aplicação de tecnologias embutidas ao HTML vinculadas a bancos de dados que caracterizam esta terceira fase de publicação.

É nesse momento que, para a premissa adotada, começa a se constituir o ciberjornalismo em função do uso de bancos de dados complexos relacionais, voltados a objetos (COLLE, 2002), através da utilização de distintos sistemas automatizados que contemplem as etapas de produção do jornalismo, e com a possibilidade de incorporar o usuário em todas as etapas de produção devido à liberação do pólo de emissão (LEMOS, 2002) que efetiva a publicação aberta.

Por outro lado, também pretende-se analisar a elaboração dos sistemas como uma forma de organização do trabalho que garanta a relação interdisciplinar entre as equipes de desenvolvimento, a relação entre o conhecimento universal e o particular. Nesse sentido, a premissa que se estabelece é que os sistemas para serem bem sucedidos no ciberjornalismo, precisariam ser desenvolvidos com a participação de profissionais da comunicação (e mais especificamente de jornalistas) que conheçam o processo produtivo e as particularidades da prática profissional, bem como a demanda de um produto digital para a internet (SCHWINGEL, 2002; 2005a). Se não produzidos por jornalistas, seria interessante que tivessem em sua base a teoria sistematizada para produtos jornalísticos no ciberespaço em seus aspectos técnico e social, bem como seguissem as etapas constituintes do processo de produção jornalístico (apuração, produção e circulação) com processos narrativos diferenciados, a exemplo do proposto por Noci e Salaverria (2004).

O Jornalismo descentralizado

Com os sistemas automatizados e com a liberação do pólo de emissão, surgiram não somente modalidades de uso do jornalismo digital de fonte aberta como também tentativas de compreensão da natureza jornalística em processos

¹⁵ Tem-se ciência que é necessário delimitar categorias para as tecnologias de publicação, pois o PHP também possibilita mudanças na folha de estilo. Pretende-se ter estas definições em meados de 2006.

digitalizados distribuídos no ciberespaço. O diferencial dessa prática ocorreu principalmente em função das características (1) da interatividade, que possibilita a incorporação do usuário em todas as etapas do processo produtivo de forma potencializada e quase instantânea; (2) da multimídia, que representa o gerenciamento de produtos característicos de outras mídias; e (3) da supressão dos limites de tempo e espaço, que levam os jornalistas a criarem segundo uma outra lógica com estruturas narrativas próprias para o ciberespaço. Já as propostas conceituais da natureza jornalística versam sobre os critérios da profissão: credibilidade, noticiabilidade, rotinas de produção. Noções como a de Jornalismo Cívico ou Jornalismo Público (HIPPOCRATES, 1998)¹⁶; de Jornalismo Participativo (BOWMAN; WILLIS, 2003) ou Jornalismo Cidadão (GILLMOR, 2004), e de Jornalismo *Open Source* (PECCS, 2000; MOURA, 2002; CHAN, 2002; BRAMBILLA, 2005) ou de Fonte Aberta (FIDALGO, 2003; SILVA JR., 2004) começam a ser construídas.

De acordo com Bowman e Willis (2003), no começo dos anos 90, de forma conjunta à consolidação da internet, os jornais estadunidenses passaram a investir no denominado Jornalismo Cívico, com vistas a incorporar a audiência para obter novas perspectivas ou a converter os leitores em repórteres e comentaristas. Entre 1994 e 2001, quase 20% dos jornais dos Estados Unidos praticaram algum tipo de jornalismo cívico e constataram terem tido bom resultado (BOWMAN; WILLIS, 2003). Um tema que volta a ser muito discutido nos meios de comunicação a cada acontecimento de repercussão mundial, como guerras, terrorismo, violência. Por exemplo, em 2005 com a passagem do furacão Katrina, por ocasião da tragédia de Nova Orleans, quando os *blogs* associados aos jornais locais começaram a ser usados pela população como forma de pedir auxílio para encontrar pessoas desaparecidas. Um caso com bastante repercussão na

¹⁶ As produções dos fundadores do movimento, os norte-americanos Merritt, Rosen, Hoyt e Carey, são basilares para a compreensão do Jornalismo Cívico. Este artigo do pesquisador australiano Hippocrates (1998) apresenta o conceito, a história e a situação atual desta prática tanto nos Estados Unidos quanto na Austrália. De acordo com Carlos Castilho (1997), a expressão "jornalismo cívico" surgiu no início dos anos 1990 e esteve acompanhada por outras como "jornalismo de interesse público" ou "jornalismo de contato com a comunidade".

blogosfera¹⁷ é o do Nola.com¹⁸, *blog* associado ao jornal The Times Picayune, cujo editor, Jon Donley, encontrava-se com sua equipe em uma sala alugada e sem a possibilidade de ir às ruas. Foi a tecnologia, através das histórias postadas por cada pessoa de forma direta, que possibilitou ao jornal cumprir com seu papel social. Donley, apesar das evidentes reticências, não pôde negar estar fazendo Jornalismo Cívico (SANTOS, 2005).

O Jornalismo Cívico passou a ter maior repercussão quando, às vésperas da eleição de 2002, cerca de 20 veículos de comunicação nos Estados Unidos alteraram suas agendas em função das necessidades do cidadão, identificadas por pesquisas financiadas pela *The Pew Charitable Trusts*, que criou *Pew Center for Civic Journalism*¹⁹ como forma de aprofundar a proposta e de financiar projetos desta natureza.

Por sua vez, Bowman e Willis (2003) consideram que o Jornalismo Cívico possui uma reputação controversa devido às organizações manterem um alto grau de controle, com uma agenda previamente definida e com a escolha de quem participará da conversação. Assim, buscam uma maneira de depurar o conceito para os processos jornalísticos que ocorrem com a participação da audiência, através do diálogo e da conversação, propondo o Jornalismo Participativo. A principal diferença em relação ao Jornalismo Cívico encontra-se na ausência de um controle central das informações, já que as ações são processadas na internet e não possuem uma organização central responsável pelo controle do processo comunicacional. De acordo com Rocha (2005, p. 02), “um dos principais conceitos do *Participatory Journalism* é proporcionar formas de interação entre produtores e consumidores de informação, onde a audiência possui papel preponderante na formatação da produção informacional”. Além disso, o Jornalismo Cívico possui sua origem nas práticas comunicacionais de ativistas como contraponto às empresas tradicionais de comunicação

¹⁷ O termo blogosfera representa o universo de blogs que estão interconectados ou por links diretos ou pelos mecanismos de meta-informação, os indexadores, como o Technorati (www.technorati.com). O termo foi criado por William Quick, em seu blog, em 2002.

¹⁸ Ver: www.nola.com.

¹⁹ Ver: pewcenter.org

(SCHWINGEL, 2004b), enquanto o Participativo se origina no ciberespaço, com lógicas e processos sistematizados pelas ferramentas de publicação de conteúdo²⁰.

O conceito de *Citizen Journalism* tem em Dan Gillmor, ex-jornalista do *San Jose Mercury News* e fundador do *Grassroots Media Inc*²¹, um de seus grandes defensores. Porém, na introdução do livro de Bowman e Willis (2003), ele descreve esta prática como sendo a mesma do *Participatory Journalism*; em função disso, adota-se este como o conceito mais abrangente.

Para alguns pesquisadores, o termo Jornalismo *Open Source* (Jornalismo de Código Aberto) tem sua origem no processo de desenvolvimento colaborativo dos softwares de código aberto e de código livre. Preece (2000), Moura (2002), Brambilla (2005) descrevem o *Open Source Journalism* a partir do modelo de produção bazar que caracteriza as ações da *Open Source Initiative* (OSI), de Eric Raymond²². Chan (2002, on-line), ao analisar as redes colaborativas de notícias a partir da experiência do *Slashdot* afirma:

Explicando a designação em um artigo 1999 para o Freedom Fórum, Jin Moon escreveu: "o termo 'jornalismo de fonte aberta' deriva das técnicas de desenvolvimento de softwares de código aberto, onde o código fica disponível para que peritos e usuários regulares encontrem e corrijam pequenas falhas. O jornalismo de código aberto, que foi possibilitado devido às comunidades on-line, aplica esses mesmos princípios às matérias – deixando-as disponíveis para a apuração e correções" por seus leitores (1999, 10 de outubro). A ênfase nos aprimoramentos e leitores diferenciados puderam ser rapidamente adicionadas às notícias distribuídas do modelo de jornalismo aberto do *Slashdot*. Andrew Leonard do *Salon.com* escreveu que, "apenas como programadores de fonte aberta criticariam uma versão beta do software cheio de erros, os leitores do *Slashdot* [podem criticar] a primeira liberação de uma divulgação jornalística - e o melhoramento, aparentemente, será rápido a suceder." (1999, 08 de outubro). Enfatizado nas caracterizações do *Slashdot* como uma forma de jornalismo "de fonte aberta" habilita os usuários a contribuir e refinar a informação transportada como notícia, e gerar um novo produto noticioso - ambos no e fora do site – através de cada feedback ²³.

²⁰ Neste momento, ainda não serão apresentadas as estratégias de produção da informação (*bottom-up news* e *social networks*) que os autores propõem para este tipo de processo. Tais questões serão problematizadas e analisadas a posteriori.

²¹ Ver: dangillmor.typepad.com/about.html

²² Para maiores detalhamentos sobre o modo bazar de produção, ver SCHWINGEL (2002).

²³ Explaining the designation in a 1999 article for the Freedom Forum, Jin Moon wrote: "The term 'open-source journalism' stems from software techniques that make software coding openly available so that experts and regular users will find and correct glitches. Open-source journalism, made possible by online communities, applies those same principles to news stories – making them available for scrutiny and corrections" by its reading audience. (1999, October 10) Stressing

Portanto, o termo vem sendo utilizado desde 1999, mas passou a ser reconhecido após 2000, quando Bart Preecs, jornalista e fundador do *Make Our Own Media*²⁴, escreve seu artigo *Open Source Journalism: An Alternative Strategy for Using the Internet to Empower Citizens and Strengthen Democracy*, em que vincula esta prática ao ativismo e ao enfrentamento das instituições estabelecidas.

Já Fidalgo (2003) e Silva Júnior (2004) compreendem o Jornalismo de Fonte Aberta de forma um tanto diferenciada. Para o primeiro, o termo é associado ao jornalismo desenvolvido em banco de dados que não possui mais uma periodicidade fixa. Já para o segundo:

Como conceito, ainda em um nível elementar, a fonte aberta, na sua intersecção com o jornalismo, representa uma gama de atividades de produção e divulgação de conteúdos on-line com ligação diferenciada entre jornalista e órgão de produção. Isso tende, numa aproximação com o lugar comum, a aceção de uma imagem de 'jornalismo sem jornal', onde, se cliva o remetimento mútuo entre instituição noticiosa e produto noticioso. Podemos também, incluir nessa primeira abordagem, a diversidade de fontes existentes para a produção de informação jornalística, mesmo para os modelos apoiados em estruturas profissionais. O conceito, portanto, incorpora duas dimensões analíticas: uma fonte aberta enquanto desvinculação profissional; e fonte aberta enquanto pluralidade da fonte informativa (SILVA JR., 2004, p. 03).

Assim sendo, experiências de publicação aberta e descentralizada - como o *Slashdot*²⁵, o *Indymedia* (Centro de Mídia Independente - CMI)²⁶, o *OhMyNews*²⁷ e até mesmo dos *blogs* (devido à sua importância como fontes e como produtores de informações) - parecem evidenciar a consolidação de um modelo de produção jornalística diferenciado. E, dessa forma, questões relativas à

the improvements and value readers have been able to quickly add to news distributed under Slashdot's open source journalistic model, Salon.com's Andrew Leonard wrote that, "just as open source programmers would critique a beta release of software filled with bugs, the Slashdot readers [can pan] the first release of [a] journalistic offering — and the upgrade, apparently, will be quick to follow." (1999, October 8) Emphasized in such characterizations of Slashdot as a form of "open source" journalism was the ability of users to contribute to and refine information conveyed as news, and generate a new news product — both on and off the site — through such feedback (Tradução própria).

²⁴ Ver www.makeyourownmedia.org

²⁵ Ver slashdot.org

²⁶ Ver www.indymedia.org e, no Brasil, www.midiaindependente.org

²⁷ Ver: english.ohmynews.com.

credibilidade, à natureza das fontes, aos critérios de noticiabilidade e às alterações no processo de produção passam a requerer ponderações e análises mais apuradas.

Portanto, a prática profissional do Ciberjornalismo está sendo delimitada e formatada. Tendo em vista a evolução do jornalismo na internet, parece que as ferramentas de publicação de conteúdos apresentaram novas possibilidades também ao jornalismo que passou a utilizá-las para efetivamente incorporar o usuário em seu processo de produção, como indica o jornalismo participativo ou de fonte aberta.

A análise e a sistematização da evolução dessas ferramentas não apontam para uma perspectiva tecnicista, mas sim para uma compreensão do contexto mais amplo das tecnologias internet para, então, buscar-se delimitar noções da prática ciberjornalística.

Referências:

ALVES, R. P. S. A. **O radiojornalismo nas redes digitais:** um estudo do conteúdo informativo em emissoras presentes no ciberespaço. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2004. Dissertação.

BARBOSA, S. **Jornalismo digital e a informação de proximidade:** o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBAHIA. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2002. Dissertação.

_____. **Jornalismo online: dos sites noticiosos aos portais locais.** Trabalho apresentado no XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, setembro/2001. Campo Grande (MS). Anais. 1 CD-ROM.

_____. O banco de dados como metáfora no jornalismo digital. In: **Anais do VII Lusocom.** Abril de 2004. Covilhã. Portugal.

BOWMAN, S.; WILLIS, C. **Nosotros, el medio:** cómo las audiencias están modelando el futuro de la noticias y la información. The Media Center at the American Press Institute, 2003. Disponível em: www.hypergene.net/wemedia/espanhol.php. Acessado em 20 de setembro de 2005.

BRAMBILLA, A. M. **Jornalismo Open Source em busca de credibilidade: como funciona o projeto coreano OhmyNews Internacional.** Trabalho apresentado no

Núcleo de Trabalho 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, no **XXVIII Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

BROADCAST History Timeline. Disponível em: www.tvhandbook.com/History/History_timeline.htm. Acessado em 15 de outubro de 2005.

CABRERA, M. A. Periodismo digital y nuevas tecnologías. IN: BARRERA, C. (Org.). **Historia del periodismo universal**. Barcelona: Ariel, 2004.

CASTILHO, C. Jornalismo público. Boletim do **Instituto Gutenberg**, nº 15, Mai-Jun, 1997. Disponível em: <http://www.igutenberg.org/casti15.html>. Acessado em 20 de outubro de 2005.

CHAN, A. J. (2002). **Collaborative News Networks: Distributed Editing, Collective Action, and the Construction of Online News on Slashdot.org**. Department of Comparative Media. Massachusetts Institute of Technology, Massachusetts, EUA, 2002. Dissertação. Disponível em: <http://web.mit.edu/anita1/www/thesis/>. Acessado em 20 de outubro de 2005.

COLLE, R. **Explotar la información noticiosa**. Data minino aplicado a la documentación periodística. Madrid. Universidad Complutense de Madrid, 2002.

FIDALGO, A. Sintaxe e semântica das notícias on-line: para um jornalismo assente em base de dados. Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho de Jornalismo do **XII Congresso Anual da Compós**. Recife, 2003.

_____. Sintaxe e semântica das notícias on-line. Para um jornalismo assente em base de dados. In: FIDALGO, António; SERRA, Paulo (Orgs.). **Informação e Comunicação Online**. Jornalismo Online. Volume 1. Covilhã: Universidade da Beira Interior/Portugal, 2003.

_____. Do poliedro à esfera: os campos de classificação. A resolução semântica no jornalismo online. In: **Anais do II SBPJOR**. Novembro de 2004. Salvador. Brasil. CD.

HERRING, S.C. Slouching toward he ordinary: current trends in computer-mediate communication. In: **New Media & Society**, vol. 6(1). London: Sage, 2004. p 26-36.

HIPPOCRATES. C. **Public journalism**: will it work in Australia? Disponível em: <http://www.publicjournalism.qut.edu.au/research/cratis.html#pjus> Acessado em 15 de novembro de 2005.

LE MOS, A. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na vida contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.

LEWIS, Michael. **A nova novidade**: uma história do Vale do Silício. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MACHADO, E. G. **La estructura de la noticia en las redes digitales**: un estudio de las consecuencias de las metamorfosis tecnológicas en el periodismo.

Facultad de Ciencias de la Comunicación/Universidad Autónoma de Barcelona, 2000. Tese.

_____. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas**. Salvador: Calandra, 2003.

_____. O banco de dados como formato no jornalismo digital. In: **Anais do VII Lusocom**. Abril de 2004. Covilhã. Portugal.

_____. O banco de dados como espaço de composição de narrativas multimídia. In: **Anais do II SBPJOR**. Novembro de 2004b Salvador. Brasil. CD.

_____. PALACIOS, M. (Orgs.). **Modelos de jornalismo digital**. Salvador: Calandra, 2003.

MIELNICZUK, L. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2003. Tese.

NOCI, J. D. **La escrita digital**. Bilbao: Universidad del Pais Vasco. 2002

_____. Hipertexto periodístico: teoría Y modelos. In: NOCI, J.D.; SALAVERRÍA, R. (Orgs.). **Manual de Redacción Cyberperiodista**. Barcelona, Ariel, 2003. p. 81-139.

_____. "¿Hacia dónde va el periodismo en Internet?". En: *Sphera Publica. Revista de Ciencias Sociales y de la Comunicación*, nº 1. Murcia: Universidad Católica San Antonio, 2001, p. 77-100. **Disponível em** <http://www.ehu.es/diaz-noci/Arts/A33.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2005.

_____. **Investigar em ciberperiodismo**: apuntes. Material do curso a Escrita Digital. Mimeo. Salvador, 2005

_____.; SALAVERRIA, R. **Manual de Redacción Cyberperiodística**. Barcelona, Ariel, 2003.

NOGUEIRA, L. **O webjornalismo audiovisual**: uma análise de notícias no UOL News e na TV UERJ Online. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2005. Dissertação.

PALACIOS, M. **Fazendo jornalismo em redes híbridas**: notas para discussão da Internet enquanto suporte mediático. Lista JnCultural, fev 2003. Disponível em www.fca.pucminas.br/jornalismocultural/m_palacios.doc, acessado em junho de 2004.

_____. Internet as System and Environment in Cyberspace: a discussion based on empirical observations. Texto apresentado na **IAMCR Conference**, em Barcelona (2002a). In: <http://www.komdat.sbg.ac.at/ectp/Barcelona/>.

_____. Jornalismo online informação e memória: notas para discussão (2002b). In: <http://www.facom.ufba.br/jol>

_____. **Hipertexto, fechamento e uso do conceito de não-linearidade discursiva** (1999). In:

www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/palacios/hipertexto.html.

_____. MACHADO, E. G. **Manual do Jornalismo na Internet**, 1996. Disponível através do URL: <http://www.facom.ufba.br/jol/fontes_manuais.htm>.

_____. MACHADO, E.; SCHWINGEL, C.; ROCHA, L. **Um Jornal Laboratório multimídia, multi-usuário e descentralizado. O caso da Plataforma Panopticon. V Bienal de Comunicación**. Mèxico, setembro, 2005.

_____.; MIELNICZUK, L.; BARBOSA, S.; RIBAS, B.; NARITA, S. Um mapeamento de características e tendências no jornalismo online brasileiro e português. In: Comunicarte, Revista de Comunicação e Arte, vol.1, n.2, Universidade de Aveiro, Portugal, set.2002.

PAVLIK, J. V. **Journalism and new media**. New York, Columbia University Press, 2001.

PREECS, B. **Open Source Journalism: an alternative strategy for using the Internet to empower citizens and strengthen democracy** (2000). Disponível em: www.makeyourownmedia.org. Acessado em 25 de setembro 2003.

ROCHA, J. Participatory Journalism: conceitos e práticas informacionais na internet. Trabalho apresentado no Núcleo de Trabalho 08 – Tecnologias da Informação e da Comunicação, no **XXVIII Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, UERJ, Rio de Janeiro, 2005.

SALAVERRÍA, R. **Redacción Periodística em internet**. Navarra: EUNSA, 2005.

SANTOS, S. C. Jornalismo cívico ou serviço público?. **Diário de Notícias**, Lisboa, 12/09/2005. In: http://dn.sapo.pt/2005/09/12/media/jornalismo_civico_servico_publico.html

SCHWINGEL, C. A. _____. **Comunicação e criação na internet: análise das equipes de desenvolvimento web e dos grupos de desenvolvimento de softwares**. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas. FACOM/UFBA, Salvador, 2002. Dissertação.

_____. Os sistemas de publicação como fator da terceira fase do jornalismo digital. In: Anais do **2º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo**. Novembro de 2004a. Salvador, Bahia.

_____. A arquitetura da informação e o sistema de publicação do *Independent Media Center*. In: Anais do **V Congresso Iberoamericano de Periodismo em Internet**. Novembro de 2004b. Salvador, Bahia.

_____. Jornalismo digital de quarta geração: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no jornalismo digital. In: **Anais do XIV Compós**. Junho de 2005a. Niterói, Rio de Janeiro.

_____. **Sistemas de publicação no jornalismo digital: o caso do portal regional experimental Educação em Pauta.** In: **Anais do 8º Fórum de Professores de Jornalismo.** Abril de 2005b. Maceió. Alagoas.

SILVA JR. J. A. **Jornalismo 1.2:** características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2000. Dissertação.

_____. **A Interface Como Estrutura de Produção do Jornalismo de Fonte Aberta.** Trabalho apresentado ao NP 02 – Jornalismo. **IV Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom,** Porto Alegre, 2004.